



O futebol-arte, o atleta-herói e a mídia: coberturas antes e depois do 7 a 1¹

Larissa Layane BEZERRA²

Magnólia Rejane Andrade dos SANTOS³

Universidade Federal de Alagoas, Maceió, AL

Resumo

Enraizado na cultura nacional, a paixão do brasileiro pelo futebol ganha dimensões ainda maiores durante as Copas do Mundo. O país parece parar. A nação se veste de verde e amarelo. As ruas são tomadas pela euforia dos torcedores mais fanáticos. Este artigo pretende, então, analisar o comportamento da mídia desse evento e até que ponto isso influencia no comportamento da população. Tomamos como ponto de partida as coberturas dos programas SporTV News, do canal fechado SporTV, e Jogo Aberto, do canal aberto Rede Bandeirantes.

Palavras-chaves: futebol; seleção brasileira; jornalismo esportivo; Copa do Mundo 2014; coberturas

1. Introdução

Num primeiro momento, procuraremos explicar como surgiu a ideia de futebol-arte ao jeito de jogar brasileiro. Depois, partiremos para uma análise de como o futebol-arte é apresentado atualmente pela imprensa. O diagnóstico é feito tomando com base os estudos de Antonio Jorge Soares e Ronaldo Helal.

Tomamos como parâmetros a cobertura realizada em dois momentos: antes da partida semifinal da última Copa do Mundo, na qual a seleção brasileira amargou uma derrota por 7 a 1 frente àquela que se consagraria campeã mundial, a Alemanha. E o depois desse fato em que o futebol-arte falhou. Como os veículos reagiram?

Além disso, é analisado aqui também o enfoque midiático em torno da figura do jogador Neymar Jr., que após sofrer uma lesão no jogo contra Colômbia, pelas quartas-de-finais, passou a ser tratado como herói.

¹ Trabalho apresentado no IJ 01 – Jornalismo do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 02 a 04 de julho de 2015.

² Estudante de graduação 8º período do curso de Jornalismo do COS-UFAL, e-mail: larilayane@gmail.com

³ Orientadora do trabalho. Professora Doutora do curso de Jornalismo do COS-UFAL, e-mail: magnoliasantos@hotmail.com



2. O futebol-arte

O futebol mexe, de um modo geral, com o brasileiro. Estudiosos da história esportiva brasileira costumam dizer que o futebol é uma forma que a sociedade nacional encontrou para se expressar. Nos períodos de Copa do Mundo, o comércio funciona em horário especial. As ruas e as residências são coloridas de verde e amarelo. Os bares enchem, as famílias se reúnem. Todos esperam uma atuação de gala da seleção. É quase como se os jogadores assinassem um contrato com uma cláusula na qual eles estão obrigados a praticar tal estilo em todos jogos. Apontaremos aqui alguns aspectos que esclarecem como surgiu a construção desse discurso.

Autores indicam que o surgimento da conotação futebol-arte ao jeito de jogar brasileiro surgiu na Copa do Mundo de 1938. Disputada na França, a competição teve o Brasil como único representante sul-americano. O gingado, os movimentos de difícil execução conquistaram a imprensa francesa, que enaltecia a seleção.

Em paralelo, a ideia de miscigenação ganhou eco e se consolidou na linguagem da cobertura midiática. O *foot-ball mulato*, como foi descrito inicialmente, “atribui características dionisíacas culturais de um povo miscigenado. Criatividade, espontaneidade, malemolência seriam atributos do futebol brasileiros, oriundos da mistura das raças que formariam a Nação”. (SOARES et al, 2007, p.5)

A alegria, o improvisado e os dribles foram logo atribuídos a presença do negro entre os atletas do time brasileiro. Era quase como se as habilidades apresentadas em campo estivessem presentes na carga genética do negro.

A partir de então, o futebol-arte é defendido “como algo tipicamente nacional, em contraste ao modelo europeu, denominado futebol força. Fatores como ginga, samba e jogo de cintura, serão incorporados aos estilo de jogo”. (HELAL et al, 2014, p.110) Como consequência, esse estilo se torna uma tradição nacional. A torcida cobra do jogador que ele tenha, além de talento com os pés, a “manha brasileira” de se jogar.

O bicampeonato conquistado pela seleção brasileira foi a consolidação dessa narrativa. Visto que, entre as estrelas do time, estavam Pelé e Garrincha, ambos negros. O brilhantismo desses atacantes era enaltecido pela imprensa, ainda mais quando a estrela deles brilhavam em momentos decisivos. Muito mais do que suas jogadas, suas habilidades eram destacadas. Fato este que é facilmente identificado na narrativa de Milton Leite (2014), em sua obra “As melhores seleções brasileiras de todos os tempos”. Vejamos:



Garrincha passou pelo seu marcador, tocou para Didi, que lançou Pelé: de costas para o zagueiro, deu um chapéu, ajeitou com o pé esquerdo e mandou o chute com o direito, um golaço, o primeiro dele em Copas. (LEITE, 2014, p.27) O Estado Nacional [em Santiago, Chile, palco da semifinal da Copa de 1962] estava repleto com aproximadamente 75 mil pessoas. E elas viram mais uma grande exibição de Garrincha, o principal nome daquele mundial. Com 31 minutos, o Brasil já vencia por 2 a 0, dois gols do atacante brasileiro, que arrasava com o seu marcador, Rojas. No finalzinho do primeiro tempo, Toro diminuiu para o Chile, mas logo aos três minutos da etapa final, Vavá fez 3 a 1, finalizando mais uma jogada de Garrincha. (IDEM, p. 62)

O futebol-arte se consagra e se torna parte da cultura brasileira. Tanto que, na Copa do Mundo de 1994, quando o Brasil adotou o estilo de jogo conhecido por *futebol de resultados*, “parte considerável da mídia e dos torcedores rejeitaram esse estilo e elegeram Romário como o jogador que mais encarnava a forma ‘tradicional’ do futebol brasileiro”. (HELAL e GORDON, 2001, p.75)

3. Metodologia

A cobertura foi analisada em dois programas: Jogo Aberto, da Rede Bandeirantes, e SporTV News, do canal SporTV. Escolhemos esses dois pois um representa um veículo transmitido em televisão aberta e o outro, em TV fechada. O Jogo Aberto é um programa de notícias esportivas e também promove alguns debates sobre os temas que estão em alta no futebol. Já o SporTV News é um programa tradicional de notícias, sem trazer opiniões do apresentador ou convidados.

Escolhidos os programas, o próximo passo foi escolher o período de tempo para análise. O início da pesquisa começa em 28 de junho de 2014, dia do começo da fase de mata-matas da Copa, até o dia 09 de julho de 2014, um dia após o trágico 7 a 1 sofrido pela seleção brasileira.

Foi observado em todos os programas desse período o tempo que foi dado às matérias estavam relacionadas diretamente com o time nacional e a maneira com a qual esse time era mostrado. A mídia procurou explicar o fracasso diante a Alemanha? Foi valorizado mais a tática da seleção ou passes brilhantes? Neymar foi vendido por esses veículos como um bom jogador ou como o herói de uma nação? São essas questões que vão nortear esse artigo, que se propõe a analisar a reação de dois programas televisivos à derrota história do Brasil em um Mundial disputado no próprio país.



4. As coberturas: uma análise

4.1. Oitavas-de-final

Nas edições de 28 de junho, ambos os programas ressaltaram a importância da torcida nesta fase eliminatória. O SporTV News e Jogo Aberto pautaram as superstições e a importância da torcida presente nos estádios cantar o hino junto com “os nossos guerreiros” – como eram tratados os jogadores. O programa da Rede Bandeirantes foi mais a fundo e abordou também a questão do emocional dos jogadores, tão discutida na primeira fase, pois alguns atletas do time brasileiro choraram durante o hino. Quando teve a oportunidade de expor sua opinião, o radialista Ulisses Costa foi incisivo, não hesitou ao declarar que:

- O emocional do atleta se equilibra com cinco a dez minutos de jogo. Eu confio demais na seleção. Estarei no estádio torcendo pela seleção brasileira. Quero cantar o hino, quero gritar, quero passar para esses jogadores uma energia positiva. O futebol brasileiro continua sendo o melhor futebol do mundo. Então, por isso, eu acredito. Para mim, o Brasil ganha a Copa do Mundo. E estou falando isso desde o ano passado, desde antes da Copa das Confederações (JOGO ABERTO, 28.06.2014)

Era a crônica da vitória anunciada. A seleção que mais vezes venceu a Copa do Mundo jogando em casa. Era difícil encontrar alguém que não acreditasse na conquista de mais um título. E isso partia até mesmo do treinador Felipão, que apostava no sucesso do time com base no título da Copa das Confederações. Até o ônibus oficial da seleção naquela competição ressaltava o favoritismo. “Preparem-se. O hexa está chegando.” dizia a frase plotada no transporte.

Fato similar ocorreu na Copa do Mundo de 1998, disputada na França. Era o último mundial do século e havia pressão para o Brasil se consagrar pentacampeão. Além disso, Ronaldinho, que havia sido campeão do mundo em 1994 e eleito melhor jogador do planeta em 1996 e 1997, disputou aquela Copa. Os críticos apostavam que sua experiência levaria a seleção à glória de mais um título.

No decorrer da competição, algumas fracas atuações do selecionado tiraram do Brasil este favoritismo. No entanto, após a vitória nos pênaltis contra a Holanda nas semifinais, o clima de euforia tomou conta de vez dos brasileiros e algumas edições da mídia adiantaram os atributos que,



porventura, seriam mais acionados em caso de vitória na final: a força e a grandeza da mistura de raças no Brasil. (HELAL, 2001, p.152)

E a mídia parece não lembrar que favoritismo não leva título. A linguagem tem força, mas não substitui a ação. A ação não se faz essencialmente com palavras. Foi deduzido que a seleção brasileira estava num patamar técnico que a levaria a vitória do campeonato. Os atletas que não bem em seus clubes, não necessariamente jogarão bem na seleção. Craques, por si só, não conquistam títulos, é importante também ter entrosamento entre os atletas.

4.2. Quartas-de-finais e a lesão de Neymar

A cobertura continuou a repetir o padrão até dia 04 de julho. A partida da data era Brasil x Colômbia, pelas quartas-de-finais. A seleção canarinho saiu campeã. Mas com uma baixa: Neymar Jr. estava gravemente lesionado após uma forte entrada do jogador colombiano Zuñiga.

Naquele momento, as coberturas mudaram um pouco de direção. Passaram a exaltar Neymar como o grande herói do time brasileiro. A seleção, até então, não possuía um único herói. Mas sim vários, como o próprio jogador, David Luiz, Júlio César. A cada passe ou gol brilhante, a cada defesa magistral, um novo herói se adotava. Helal (2001) explica que um fenômeno de massa não consegue se sustentar sem a presença de “heróis”, “estrelas” e “ídolos”. Campbell (1995, p.36) explica que essa figura é “parte do mundo cotidiano e se aventura numa região de prodígios sobrenaturais; ali encontra fabulosas forças e obtém uma vitória decisiva; o herói retorna de sua misteriosa aventura com o poder de trazer benefícios aos seus semelhantes”.

As primeiras coberturas traziam Neymar como vítima de uma injúria e ressaltavam que o cada atleta da seleção em campo deveriam jogar por ele. O SporTV News daquele dia iniciou com uma exibição do momento da lesão. Das três maiores reportagens, duas eram sobre Neymar.

Em uma delas, o programa o “herói brasileiro” tinha esse reconhecimento ao longo do planeta. “Lesão grave deixa Neymar fora da Copa e atletas de todo o mundo fazem homenagens ao craque” anunciada a chamada da matéria. A jornalista Janaína Xavier entrou ao vivo trazendo as principais manifestações de grande atletas. “O Brasil inteiro está junto com ele” dizia uma das mensagens lida.



Vale ressaltar que Tiago Silva também estaria fora da partida semifinal, após levar o segundo cartão amarelo. Mas, ao zagueiro, restou apenas uma nota.

No dia seguinte a lesão, as pautas em ambos programas foram similares: o ídolo Neymar vítima do vilão Zúñiga e quem estaria a altura de substituir o herói lesionado e todo seu futebol-arte. Destaco aqui as matérias “Crianças lamentam contusão que deixa Neymar fora da Copa do Mundo” e “Passaporte SporTV: a reação dos colombianos com a lesão de Neymar”, ambas do programa do canal fechado. Vejamos alguns trechos:

Jornalista Ida Sandes: - No dia seguinte ao jogo do Brasil e a lesão de Neymar, muita gente vestiu a camisa 10 da seleção. Além do desfalque de Neymar no time, muitos fãs, principalmente os pequenos, vão sentir muita falta do ídolo em campo.

Criança entrevistada 1: - [O Neymar é] O craque da seleção brasileira, joga muito!

Criança entrevistada 2: - Desde quando eu nasci, eu não vejo um jogador igual ao Neymar, jovem e habilidoso. Para mim, é um ídolo, então queria vê-lo campeão do mundo e todo mundo aplaudindo ele de pé. (SPORTV NEWS, 05.07.2014)

Jornalista Bruno Souza: - A eliminação da Colômbia ficou em segundo plano depois do lance que envolveu Neymar e o lateral Juan Camilo Zúñiga. Como será que os colombianos vêem toda essa situação? (...)

Jornalista Alessandro Jodar, de Bogotá: - Na imprensa a lesão de Neymar se resumiu a notinhas em meio a reportagens que exaltavam a boa campanha da Colômbia na Copa. Críticas, só ao árbitro.” (SPORTV NEWS, 05.07.2014)

Vale ressaltar que, além de seu talento extraordinário, Neymar construiu ainda jovem uma carreira de sucesso, que incluiu um contrato milionário com o Barcelona e prestígio internacional. Características perfeitas para a mídia construir a figura do ídolo nele. Pois os veículos de massa ressaltam no “atleta-herói” as características “ligadas à genialidade e ao talento nato, sem a valorização do esforço e do treinamento, ou seja, essencializações típicas do herói-malandro nacional”. (AMARO e HELAL, 2014, p.2)

A partir dessas passagens, inferimos que a mídia se aproveita da lesão grave de Neymar para lhe construir uma figura humanizada. O herói se torna, então, um homem, um garoto, um alguém tão mortal e frágil quanto sua legião de fãs. E, como humano, ele está a sofrer com seu corte da seleção. Mas é ressaltado nos veículos que ele voltará, mais forte do que nunca para liderar, quem sabe, a seleção a conquista da Copa América – a ser realizada em junho de 2015.



Além disso, seu malfeitor não pode sair impune. Como é que a imprensa colombiana não dá destaque ao incidente ocorrido em campo se todo o planeta só fala disso? “A eliminação da Colômbia ficou em segundo plano depois do lance que envolveu Neymar e o lateral Juan Camilo Zúñiga”, anuncia o apresentador do SporTV News, Bruno Souza, ao abrir o programa.

A imprensa apela para depoimentos de crianças para enfatizar a tristeza da nação brasileira por ter o sonho de ver Neymar marcando o gol que daria o título ao time na final da Copa. Eles querem nos convencer de que todo o país está em luto.

4.3. Semifinais e o 7 a 1

E o imprevisível aconteceu. A seleção com todos os seus titulares em campo seria capaz de derrotar a Alemanha? Dificilmente. O nível e a organização técnica do time europeu era superior. Mas, por uma goleada histórica, ninguém esperava.

O selecionado brasileiro passou toda a Copa jogando para a estrela Neymar. E sem ele em campo, para quem jogariam? Ora, para Neymar, por que não? Cada gol e cada defesa seriam para ele. O Jogo Aberto deu espaço e voz a João Maria Marín, presidente da Confederação Brasileira de Futebol (CBF). Marín foi incisivo: “cada jogador jogará 110%, os 10% são pelo Neymar”.

Sem sua estrela e seu capitão em campo - os líderes daquele grupo - , os atletas entraram com a pressão de fazer bonito e sem uma figura que os liderassem. O resultado foi catastrófico. Ninguém parecia saber sua posição em campo, os jogadores estavam perdidos. O emocional, desestruturado.

Mas a mídia parecia não enxergar isso. Insentou os jogadores de qualquer *mea-culpa*. Estes eram guerreiros vítimas de um treinador que não soube escalar o time para aquela partida. Um treinador que não se preparou para usar alguns reservas por 90 minutos.

A partir desse momento, o Felipão técnico do penta foi esquecido. O que se tinha agora era o figura de um treinador que falhou na Copa do Mundo disputada em casa. O Jogo Aberto ressaltava que o treinador havia falhado e a mudança precisava começar por ele.

Comentarista Chico Garcia: - Nós poderíamos concordar, como concordamos, que o Felipão era o cara certo, que a comissão técnica estava correta. Que a convocação não teve uma ou outra contestação. Mas não podemos ignorar que ele fracassou. Ele fracassou. E algo tem que ser feito.” (JOGO ABERTO, 09.07.2014)



Esse “algo” a ser feito já era anunciado pelo SporTV News, mesmo sem comunicado oficial da CBF. “Para o próximo ciclo, um novo comandante e outros nomes [da comissão técnica] devem aparecer” (09.07.2014) anunciava a sonora da matéria “Ex-jogadores da Seleção tentam encontrar respostas e soluções para superar vexame na Copa”.

A partir dessa análise, vemos que a transmissão da Copa do Mundo é focado mais em transformar o evento num espetáculo do que em um fato noticioso. E, vale ressaltar que “o material transmitido pelo telejornalismo sobre o esporte é (...) um instrumento de criação de uma realidade e uma forma de interpretação de relações sociais”. (TEMER, 2012, p. 306) A mídia dita, a sociedade reflete. E assim compreendemos os fenômenos da criação de um herói e da identidade cultural brasileira refletida no futebol.

REFERÊNCIAS

AMARO, Fausto e HELAL, Ronaldo. **Mídia, esporte e idolatria: o Jornal do Brasil e a representação dos atletas brasileiros nos Jogos Olímpicos**. Artigo. Foz do Iguaçu, 2014.

CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. São Paulo: Cultrix, 1995.

HELAL, Ronaldo. As idealizações de sucesso no imaginário brasileiro: um estudo de caso *in* HELAL, Ronaldo et al. **A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria**. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

_____. Mídia, construção da derrota e o mito do herói. *in* HELAL, Ronaldo et al. **A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria**. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

HELAL, Ronaldo e GORDON, Cesar Jr. Sociologia, história e romance na construção da identidade nacional através do futebol. *in* HELAL, Ronaldo et al. **A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria**. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

JOGO ABERTO. Disponível em < <http://esporte.band.uol.com.br/jogoaberto/videos/>>. Acessado em 03 e 04.05.2015.

LEITE, Milton. **As melhores seleções brasileiras de todos os tempos**. 2ª edição. São Paulo: Contexto. 2014.

SOARES, Antonio Jorge; BARTHOLO, Tiago; SALVADOR, Marco. **A imprensa e a memória do futebol brasileiro**. Revista Portuguesa de Ciência do Desporto. Porto. Volume 7, nº 3. Dezembro de 2007.

SPORTV NEWS. Disponível em < <http://sportv.globo.com/videos/sportv-news/>>. Acessado em 03 e 04.05.2015.



TEMER, Ana Carolina Rocha Pessôa. “O time está dando o melhor de si” - aspectos do esporte na programação da televisão brasileira. *in* **Esportes na idade média - diversão, informação e educação**. São Paulo: Intercom, 2012.